

NOME: Edilce Maria de Freitas Barboza, casada, mãe de quatro filhos e avó de quatro netos.

Graduada em Serviço Social pela universidade católica de Pernambuco, Pós-graduada em Saúde Pública com Ênfase em PSF, coordenadora da Comissão Intra-hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplantes (CIHDOTT), socorrista Trainee pelo Suporte Básico a Vida no Trauma (SBVT) e Coordenadora da comissão de Humanização do Hospital Infantil Maria Lucinda.

Cheguei ao hospital Maria Lucinda no dia 14 de abril de 1992, há exatos 17 anos, na direção do Dr. Genildo Machado Lira, que na ocasião estava reestruturando e implantando toda equipe técnica do hospital. Na minha admissão, o mesmo solicitou que fosse revisto cinco casos de pacientes que seriam vestígios da RODA, na qual as crianças eram abandonadas, no início de toda história que antecede o hospital.

O primeiro caso foi o de uma jovem de 19 anos e residia na enfermaria São Roque, de responsabilidade da Irmã Geraldina, e que chegou ao hospital com desnutrição e marasmo. Fiz sua ressocialização com a família, logo em seguida foi contratada como funcionária do hospital e passou a residir com sua mãe. Nessa mesma enfermaria estava uma criança de 10 anos, com seqüela de mielomeningocele e para localizar sua família busquei ajuda do delegado da cidade de Vicência (interior), que localizou duas tias, pois seus pais já haviam falecido ambos de alcoolismo. Na ocasião uma delas que não tinha filhos e adotou-a.

Também na enfermaria São Roque estava Daniel, que foi abandonado no hospital recém-nascido e portador de paralisia cerebral, sem nenhuma referencia de família.

Na enfermaria Nossa Senhora das Graças, estava uma criança que não foi um caso de abandono, mas residia no hospital desde que nasceu, pois não possuía esôfago e só alimentava-se por sonda e aos poucos foi esquecida por sua mãe.

Após experiências realizadas pelo Dr. Luiz Alberto, foi cirurgiada e passou a ter vida normal, como a mesma falava, alimentando-se pela boca, porém não houve adaptação a sua família biológica, e depois de duas

tentativas de adoção, passou a ter uma vida normal ao lado da família substituta.

O ultimo caso foi o de Assunção que foi encontrado com mais ou menos seis anos, com a mesma patologia de Daniel (paralisia cerebral) Assunção recebeu esse nome dado pelas Irmãs, por ter sido deixado do dia da Assunção de nossa Senhora, e assim foi registrado pela Irmã Geraldina. Já Daniel, tinha próximo de si no dia que foi abandonado, o nome de Deílson Ferreira escrito em um pedaço de jornal, porém todos começaram a chamá-lo de Daniel, por esse motivo o registrei como Daniel Deílson Ferreira. E a solução que encontrei nesses dois casos foi de encaminhá-los a FUNDAC, em especial a unidade do bairro de cavaleiro, que é a Instituição especializada para crianças com necessidades especiais, inclusive já tinha autorização judicial quando agendei uma reunião para comunicar suas transferências e pelo fato de todos terem criado vínculo afetivo com os dois, a determinação do Dr. Genildo foi de pedir a tutela e curatela ao juiz, que autorizou e ainda nos dias de hoje residem no hospital.

Estava então minha cumprida minha missão inicial dos vestígios deixado pela RODA.

Hoje desenvolvo várias atribuições no Hospital, tanto com os pacientes como com funcionários e conquistei a confiança de todos que necessitam do meu apoio profissional.

Dessa forma quando vou escrever para homenagear os 80 ANOS DO HOSPITAL, me sinto lisonjeada e emocionada em divulgar um pouco do meu início profissional nessa Instituição, na qual tenho um vínculo de amor e me realizo também, FAZENDO PARTE DE SUA HISTÓRIA.